

NÃO É INOFENSIVO

O cigarro eletrônico contém substâncias que podem causar danos irreversíveis ao organismo



VAPOR TÓXICO E VICIANTE

Mesmo com venda proibida no Brasil, o cigarro eletrônico é encontrado facilmente. Estudos mostram que ele faz mal — inclusive o que contém só essências aromatizantes **GIULIA VIDALE**

A **ADOLESCENTE** entra numa banca de revistas localizada em uma rua movimentada de São Paulo, a dois quarteirões de uma faculdade. Ela encontra o produto desejado logo nos primeiros instantes: um cigarro eletrônico. O dispositivo está exposto ao

lado de itens importados, como perfumes e souvenirs. Há três modelos. Ela pede para vê-los, lê as informações nos rótulos. É exatamente o que quer: são americanos e com preço acessível, a partir de 30 reais. A compra fácil, presenciada pela reporta-

gem de VEJA, é cada vez mais comum, embora ilegal.

A venda de cigarro eletrônico e de qualquer acessório relacionado ao aparelho foi proibida no Brasil em 2009. O uso pessoal não é vetado, de modo que o consumidor pode trazê-lo do exterior e consumi-lo aqui. Mas sua venda é proibida em território nacional. Entre 2013 e 2016, o número de apreensões anuais do aparelhinho na Receita Federal saltou de 59 para 3 098 unidades.

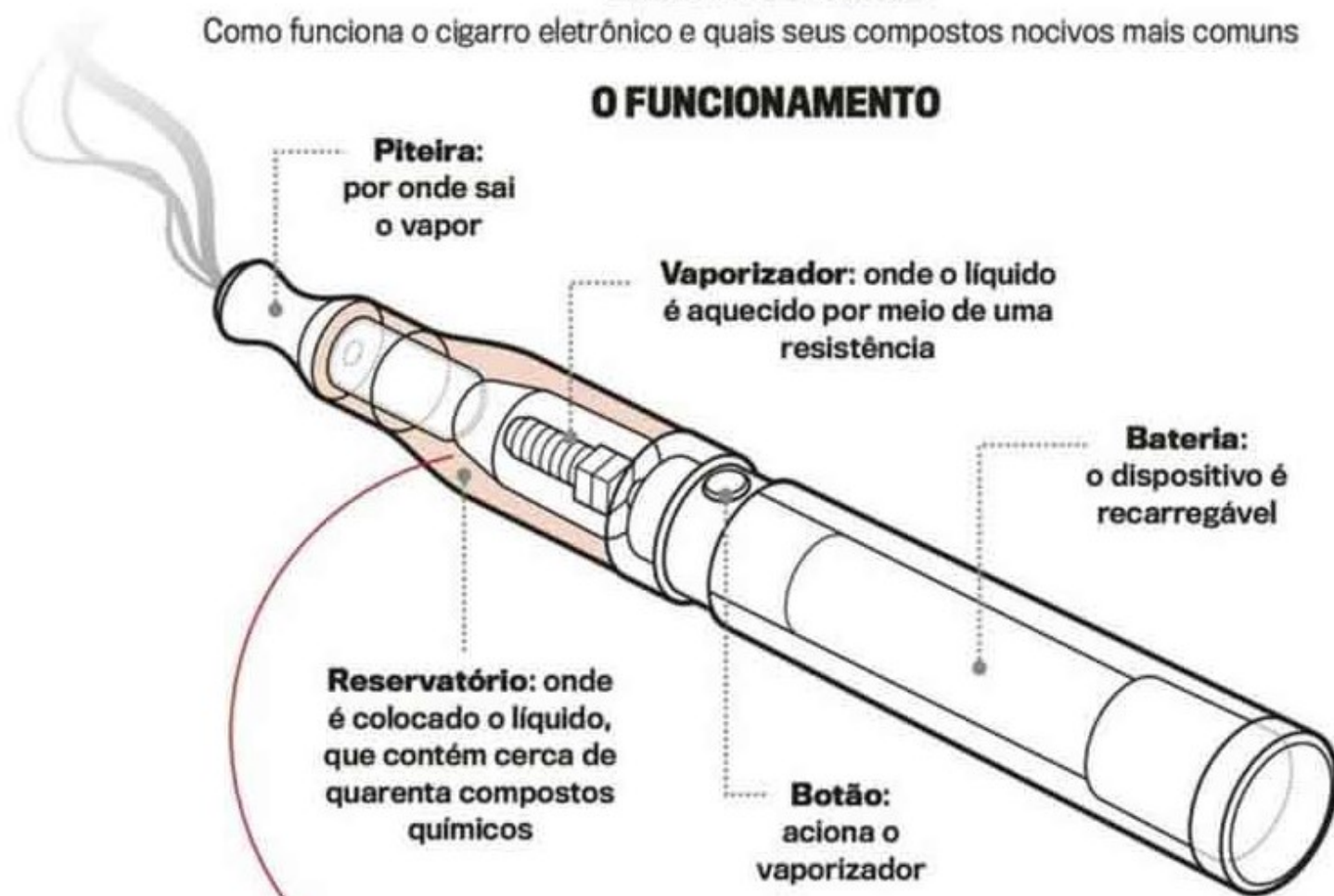
Encontrado em bancas, tabacarias e sites nacionais, o cigarro eletrônico tem conquistado um número cada vez maior de adeptos no Brasil. Em parte, pela difusão da ideia de que não é tóxico e, portanto, pode ser usado, sem riscos, tanto pelos que nunca se aproximaram de um cigarro comum quanto por aqueles que tentam se livrar do vício. Isso é falso. Evidentemente, a toxicidade do modelo eletrônico depende das substâncias colocadas no aparelho. Vaporizar apenas água não faz mal, mas também não tem graça nenhuma, informam os fãs da mania. Há quem ponha essências aromatizantes, mas sem nicotina. Imaginava-se, até muito recentemente, que as essências seriam bem pouco agressivas contra a saúde; mas não é assim. Na semana passada, um trabalho realizado pela Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos, constatou que um problema grave dos pulmões — a bronquiolite obliterante, atalho para a inflamação e a obstrução dos bronquíolos, as estruturas responsáveis pelas trocas gasosas com o sangue — pode ser causado pelo diacetil, um produto químico utilizado em alguns aromatizantes, como o caramelo, que dão sabor ao líquido inalado.

Numa hipotética gradação de danos, água (em primeiríssimo lugar,

ELE FAZ MAL

Como funciona o cigarro eletrônico e quais seus compostos nocivos mais comuns

O FUNCIONAMENTO



AS SUBSTÂNCIAS TÓXICAS

Nicotina

É derivada do tabaco
Efeitos: dependência, taquicardia, arritmia, pressão alta

Nitrosamina NNN

É derivada da nicotina
Efeito: causa câncer na boca e no pâncreas

Acetaldeído

É derivado do etanol e usado na produção de solventes
Efeito: provoca irritação cutânea, nos olhos e no sistema respiratório

Tolueno

É derivado do petróleo
Efeitos: irritação nas vias aéreas, letargia e alucinação

Formaldeído

É derivado da oxidação do metanol e usado na conservação de cadáveres
Efeitos: asma, coceira nos olhos, irritação na garganta e alteração do sono

Acroleína

É derivada da desidratação do glicerol; também é formada no preparo de frituras
Efeitos: irritação das vias aéreas e câncer de pulmão

Diacetil

É derivado da fermentação de bebidas alcoólicas
Efeitos: inflamação pulmonar e irritação nos olhos, na pele, no nariz e na garganta

Fontes: Roswell Park Cancer Institute, Group to Alleviate Smoking Pollution (Gasp) of Colorado e Chemical & Engineering News

evidentemente) e essências seriam toleráveis pelo organismo. A grande maioria dos usuários, no entanto, gosta mesmo é do coquetel de venenos viciantes que fez a fortuna do velho cigarro de papel. Nesse aspecto, quando se coteja o produto tecnológico com o tradicional, as diferenças diminuem.

Estudos recentes comprovam, agora definitivamente, que o cigarro eletrônico causa dependência e libera toxinas. Ainda por cima, não há evidências de que o dispositivo ajude os que lutam para abandonar o tabagismo convencional. Das vinte substâncias tóxicas encontradas no produto eletrônico, pelo menos sete delas podem provocar problemas graves ao organismo (veja o quadro ao lado). Em comparação com o cigarro convencional, que contém 4700 compostos tóxicos, pode parecer uma quantidade ínfima. Não é.

As substâncias tóxicas do cigarro eletrônico são formadas pela degradação química dos componentes presentes no líquido durante o processo de vaporização. A quantidade de nicotina varia — e muito. A depender do produto comprado, quinze tragadas do dispositivo eletrônico podem conter até três vezes mais nicotina que o cigarro comum. “Usar o eletrônico ou substituir o convencional pelo eletrônico não faz sentido, é apenas uma troca de vícios”, diz Jaqueline Scholz, diretora do Programa de Tratamento do Tabagismo do Instituto do Coração (Incor) de São Paulo.

Há três meses, a FDA, o órgão regulador americano de saúde, vetou a comercialização do cigarro eletrônico para adolescentes. A principal alegação: a exposição precoce aumenta o risco do vício em nicotina. Ou seja, de forma coerente, o eletrônico agora é regido pelas mesmas regras aplicadas ao modelo convencional. ■